

Enriquecer os tempos livres: O Clube de Plástica da Escola Básica de 2º e 3º ciclo Paula Vicente, em Belém, Lisboa

To enrich leisure: The Clube de Plástica of Escola Básica de 2º e 3º ciclo Paula Vicente, in Belém, Lisbon

ANA VIEIRA RIBEIRO*

Artigo submetido a 15 de maio de 2016 e aprovado a 21 de maio de 2016.

*Portugal, pintora, arquitecta. Mestrado em Pintura na Universidade de Lisboa, Faculdade de Belas-Artes (FBAUL). Licenciatura em Arquitectura (pré-bolonha), pela Universidade Técnica de Lisboa, Faculdade de Arquitectura (FAUTL).

Afiliação: Escola EB 2, 3 Paula Vicente, R. Gonçalves Zarco, 1449-034 Lisboa. E-mail: ana.vieiraribeiro@gmail.com

Resumo: O projeto *Clubes*, desenvolvido pela Junta de Freguesia de Belém, pretende dar apoio às famílias através da promoção de atividades lúdico-pedagógicas. O clube de Plástica, inserido neste contexto, propôs-se a promover a prática artística, através do reconhecimento de autores e das diferentes disciplinas artísticas, segundo os conceitos da repetição e da diferença.

Palavras chave: repetição / diferença / disciplinas artísticas / autores / clubes.

Abstract: The *Clubes* project, developed by Junta de Freguesia de Belém, aims to support families through the promotion of recreational and educational activities. The *Clube de Plástica*, inserted in this context, proposed to promote artistic practice, through the recognition of authors and different artistic disciplines, according to the concepts of repetition and difference.

Keywords: repetition / difference / artistic disciplines / authors / clubes.

Introdução: O Projeto *Clubes*

A Junta de Freguesia de Belém, em parceria com o agrupamento de Escolas do Restelo tem desenvolvido desde o ano letivo 2013/ 2014 o projeto *Clubes*, na Escola Básica de 2º e 3º Ciclo Paula Vicente. Este visa a ocupação das tardes livres dos alunos do 5º, do 6º e do 7º ano com atividades lúdico-pedagógicas, tendo como objetivos principais promover o sucesso e prevenir o absentismo escolar assim como proporcionar um maior grau de segurança às famílias, assegurando a ocupação dos tempos livres com atividades extracurriculares que permitam desenvolver as competências nas áreas intelectual, artística e desportiva. Desta forma, têm operado 11 clubes diferentes que se agrupam do seguinte modo:

- Clubes da área Desportiva: Futebol, Basquetebol e Piscina;
- Clubes da área Artística: Teatro, Dança, Plástica e Jornalismo;
- Clubes da área Intelectual: Cultura, Laboratório e Apoio ao Estudo;
- Clube Ludoteca;

Ao inscrever-se, cada aluno pode frequentar os clubes da sua escolha preferencial durante os tempos livres, construindo um horário pessoal, continuando a aprender de uma forma informal e lúdica.

A não obrigatoriedade de frequência letiva encerra uma diferença fundamental entre este sistema de ensino e o praticado dentro do contexto do ensino curricular formal. Embora estas sejam atividades com lugar nas instalações da escola e que acompanham o calendário escolar, constituindo um apoio à família e ao estudante, o aluno pode desistir do clube, não sendo imposta qualquer avaliação individual (exceto nos casos de ensino especial). Esta particularidade mantém o ambiente de aprendizagem num contexto que se pretende descontraído.

No entanto, esse fato levanta outros desafios: como manter os alunos interessados sem perder a qualidade dos conteúdos ensinados? Como verificar que esses mesmos conteúdos são absorvidos, sem impor a carga de julgamento a que as avaliações formais sujeitam os alunos?

Desenvolvimento: o Clube de Plástica e a repetição

Neste artigo serão apenas especificadas as práticas do Clube de Plástica, cujos objetivos a que nos propusemos no programa do ano letivo de 2015/2016 foram:

- Cativar os alunos para a prática artística;
- Reconhecer que dentro das artes plásticas existem diversas disciplinas artísticas e quais são (ou não) as suas fronteiras;

- Inserir em contexto de aula vocabulário técnico específico e conceitos-chave;
- Exemplificar, sempre que possível, os exercícios através do trabalho de autores, promovendo o seu reconhecimento e a aprendizagem através do conceito pedagógico de repetição, fomentando o direito à diferença;

Temos de aprender o nosso ofício. Dá-se no entanto o caso de devermos aprendê-lo por nós próprios aqui, a frequentar os mestres [referindo-se ao Museu do Louvre][...] Seja qual for o que preferirmos, só nos deve dar uma orientação. De outro modo não passaremos de um imitador. Se tivermos um sentimento de natureza, seja ele qual for e a felicidade de alguns dons, chegaremos a libertar-nos[...] acredite que se nós sentirmos acabará por emergir a emoção que nos é própria e conquistar o seu lugar ao sol, vir ao de cima [...] devemos ser aquele outro mas à nossa maneira. (Gasquet, 2012:106)

Estas são as palavras de Cézanne, já idoso, para Joaquim Gasquet relatadas numa obra escrita, baseada em fatos e conversas reais; nela ambos visitam o Museu do Louvre e ao passar pelas obras expostas, o artista analisa-as, retirando delas as suas conclusões acerca do que é fazer pintura. Explica ainda o quanto o espaço do museu foi e é uma escola para ele através da observação dos mestres que fez durante as suas variadas e bastante demoradas visitas ao mesmo.

O exemplo dos mestres, à semelhança do defendido por Cézanne, é uma prática no clube de plástica. Para cada exercício, ou conjunto de exercícios, tomou-se como exemplo obras de diferentes autores, convidando os alunos a repetir o seu trabalho à *sua maneira*. Mas porquê repetir?

É através da repetição que aprendemos desde que nascemos; aprendemos a falar e a reconhecer o mundo que nos rodeia. A repetição é fundamental para a estruturação individual, é ela, em conjunto com a recordação, que permite a significação — a identificação de algo que se reconhece, porque é repetido. É ela que possibilita a existência de signos e a consequente estruturação da linguagem e do pensamento e posteriormente do espírito crítico (Derrida, 2012:57).

No clube de plástica usamo-la para promover o reconhecimento de autores e para indicar possibilidades de expressão criativa. Porque repetir não é necessariamente apenas imitar o que já foi feito, mas informar o espírito e os sentidos, progredindo segundo um processo criativo.

Repetimos, porque repetir, é sempre repetir o irrepetível, no sentido que quando repetimos nunca o fazemos igual ao modelo, mas sim de forma transformada. E repetir é apreender e aprender. Nestas repetições irrepetíveis, está implícito o conceito de diferença (Ribeiro, 2014:17): a diferença nas repetições,



Figura 1 · Desenho a partir de traço aleatório. Fonte: própria.

Figura 2 · Trabalho de grupo utilizando *media* alternativa como esponjas de banho, as mãos ou balões. Fonte: própria.

a diferença do repetir e a diferença entre indivíduos e personalidades. Desta forma a repetição é uma prática inclusiva, que promove a aceitação da diferença, tão crucial na idade pré-adolescente e adolescente.

Para cumprir os objetivos propostos, as aulas do ano letivo foram divididas em capítulos, um para cada disciplina artística: Desenho, Pintura, Escultura, Instalação e Land Art, todos com exercícios específicos. A ordem pela qual se apresentaram aos alunos estes capítulos tinha como objetivo fazer uma progressão das duas para as três dimensões: partindo desde a folha de papel enquanto elemento de reflexão intimista (desenho), passando por trabalhos desenvolvidos em grupo, visando a exploração das três dimensões, chegando por último à comunidade próxima, através de um trabalho de *land art*.

Para todos estes capítulos tentou-se corresponder uma exposição/ apresentação à comunidade escolar dos trabalhos efetuados, com o fim de recompensar o esforço desenvolvido pelos alunos e motivá-los para a continuação da prática plástica. De seguida, apresenta-se uma breve descrição dos capítulos e uma seleção dos exercícios propostos.

Desenho

Utilizando como media principal o carvão e a grafite sobre folhas de papel, foram executados exercícios de desinibição, como o desenho cego e o desenho com a mão não dominante. Estes foram exercícios de abertura do ano letivo e com os quais se pretendia estimular os alunos a soltarem-se tanto graficamente, como na interação com o docente e os restantes elementos do clube. Ainda, com o objetivo de tornar a prática divertida, foi executado um jogo muito bem aceite pelos alunos: a partir de um traço aleatório a caneta (de duração de 2 segundos apenas!), e da sua posterior observação, os alunos foram convidados a completar o desenho conforme o que este lhes sugeria (Figura 1). Este exercício teve um número significativo de resultados surpreendentes.

Através de exercícios diversificados foi explorada a distinção entre os vários *planos de representação* e a pertinência da *linha do horizonte*, assim como da direção luminosa e as diferenças entre *sombra própria* e *sombra projetada*.

Como métodos alternativos de desenhar, a borracha branca e a linha de cozer foram empregues como riscadores, tendo sido utilizados meios rigorosos de desenho de modo a criar composições análogas à *op art*, através do uso de matrizes pensadas e executadas pelos estudantes.

Para todos os exercícios em geral, nos exercícios de observação em particular, os alunos foram convidados a decidir acerca da *orientação* da folha de papel, para que o resultado pretendido nela se enquadrasse da forma mais apropriada.



Figura 3 · Alunos a pintar a Assemblage. Fonte: própria.

Figura 4 · Assemblage. Fonte: própria.

Figura 5 · Assemblage. Fonte: própria.

Pintura

Esta foi a disciplina artística utilizada para explicar as diferenças entre *figurativo* e *abstrato*: neste contexto, os alunos tomaram contacto com artistas como Jackson Pollock, Hans Hartung ou Pablo Picasso, tendo sido convidados a pintar à maneira destes.

Para a execução do exercício referente a Pablo Picasso, foi utilizado um autorretrato pintado de cada aluno, recortado em formas geométricas, cujos fragmentos foram posteriormente re-montados, compostos e colados, desconstruindo a ideia de retrato imediato. Enquanto a maior parte dos alunos achou engraçado “desfigurar” um trabalho aparentemente acabado, houve aqueles que reagiram com resistência à ideia de poder estar a estragar um trabalho que lhes parecia finalizado, estando em equação a hipótese de, em experiências futuras, o exercício deixar de ser um auto-retrato para ser apenas um retrato, com o objetivo de ferir menos suscetibilidades.

Para exemplificar o trabalho de Jackson Pollock ou Hans Hartung, os alunos foram agrupados e através da técnica de *dripping* e o uso de materiais alternativos como esponjas de banho, as mãos, arame, lixa ou balões, pintaram áreas de grandes dimensões (Figura 2). Este exercício gerou um efeito de libertação das convenções muito apreciado pelos alunos, que se sentiram autorizados a agir contra o sistema vigente a que estão habituados.

Através do trabalho de Juan Miró explicitou-se o conceito de *contraste*, utilizando-se a técnica de colagem para sobrepor papeis coloridos e pintados a cartolinas, experimentando quais as opções que resultavam num maior ou num menor efeito de visibilidade.

Foram ainda exploradas técnicas de pintura como o marmoreado, a estampagem e a serigrafia, servindo esta última de mote de introdução ao conceito de *múltiplo* de obra de arte, tendo sido feitas, por cada matriz, uma série de cópias (todas com as suas respetivas particularidades únicas).

Escultura

No respeitante a esta disciplina, foram experimentadas diferentes técnicas de adição (como o barro ou a pasta de sal) preparadas na sala de aula, com as quais foram modeladas pequenas figuras à escala da mão, segundo um tema de grupo escolhido pelos alunos de cada sessão.

O exercício melhor sucedido dentro desta categoria foi a *Assemblage* (Figura 3 e Figura 4), tendo recaído sobre o trabalho da artista Lourdes Castro o exemplo a ter como referência: a partir de brinquedos velhos e muitas outras peças opcionais, bem como das pequenas figuras escultóricas construídas anteriormente

por adição, os alunos energicamente montaram as suas caixas, colando materiais, peças e objetos na sua composição tridimensional, que posteriormente pintaram com *spray* colorido de uma só cor, tornando o objeto criado numa peça original, fundindo os diversos materiais do conjunto em composições coerentes.

Instalação

Para melhor compreender o que define o conceito de instalação, foram introduzidas ao conhecimento dos alunos obras de Ana Vieira, Hélio Oiticica e Pedro Cabrita Reis. Esta introdução foi acompanhada de uma conversa acerca do que caracteriza a instalação, abordando diferenças e pontos de contacto com a escultura e a arquitetura; de seguida optámos por exemplificar este capítulo através de dois trabalhos/jogos.

No *jogo da personalidade* (inspirado numa exposição feita pelos alunos do mestrado em Ensino das Artes Visuais da UL, em julho de 2015, na Faculdade de Belas-Artes), os alunos escolheram variadas palavras-chave para descrever aspetos essencialmente psicológicos da sua personalidade.

Depois de dispostas essas palavras pelo chão, cada aluno teve a oportunidade de construir a sua linha de personalidade, que consistia numa seleção mais curta dos adjetivos disponíveis (Figura 6). Desta instalação resultou uma teia constituída pela intervenção *das personalidades* do clube de plástica; este foi um exercício cativante uma vez que os pré-adolescentes e adolescentes detêm uma atitude tendencialmente egocêntrica, estando empenhados a descobrir quem são, quais as suas singularidades bem como quais os aspetos de contacto com os outros que lhes permitam a integração social. Uma vez que se constatou que nem todos os alunos apreciam, no mesmo grau, a exposição da sua persona, foi possibilitada aos alunos mais reservados, a construção da sua parte interventiva durante o período de intervalo, num ambiente mais intimista.

O segundo jogo, *transformar a mesa no meu espaço habitado*, permitiu que pequenos grupos tomassem temporariamente como seus, estiradores, mesas e cadeiras, podendo manipulá-los, transformando-os em espaços vivenciais por eles preestabelecidos ou sugeridos através da manipulação dos objetos no local. Posteriormente, foi permitida a inclusão de outros objetos, reciclando muitos dos trabalhos de maiores dimensões realizados anteriormente em grupo, dando-lhe novas funções. Estas instalações pretendiam ser visitadas por espetadores, atraindo aquando do processo de construção a atenção de muitos alunos não inscritos no clube, curiosos devido à aparente revolução operada na sala, ou convidados pelos alunos participantes. Cada grupo construiu desta forma o seu espaço instalativo, ao qual atribuiu um nome, e que se tornou por sua vez parte duma

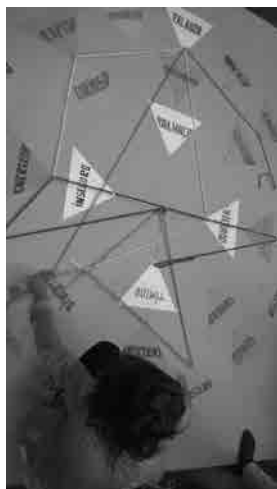


Figura 6 · Montagem da instalação: Jogo da Personalidade.
Fonte: própria.

Figura 7 · Montagem e interação com a instalação:
Transformar a mesa no meu espaço habitado. Fonte: própria.



Figura 8 · Montagem e interação com a instalação: *Transformar a mesa no meu espaço habitado*. Fonte: própria.

Figura 9 · Montagem e interação com a instalação: *Transformar a mesa no meu espaço habitado*. Fonte: própria.

instalação maior — uma pequena cidade (Figura 7, Figura 8, Figura 9) — constituída pelo conjunto de todos os trabalhos, ocupando todo o interior da sala do clube.

Land Art

Após o visionamento do documentário acerca do trabalho de Andy Goldsworthy, *Rivers and Tides* (Riedelsheimer, 2001), e estando as condições climáticas favoráveis, foi promovida a discussão acerca do que significa Land Art. Focando-se esta conversa no significado do nome da disciplina, no tipo de materiais utilizados nestas intervenções e na sua relação com o lugar.

Para colocar em prática o apreendido, dirigimo-nos ao parque dos Moinhos do Restelo para intervir. Cada grupo de alunos após ter explorado o parque e recolhido matéria-prima local, decidiu qual o sítio ideal para deixar a sua marca efêmera, conforme o que lhes sugeriu o local em conjunto com elementos encontrados. Os resultados foram documentados através de fotografias, tendo ficado o convite para, segundo a vontade individual, poderem retornar ao parque, de modo a verificar a forma como a sua marca/obra evoluiu com o tempo, e com a convivência com outras pessoas no mesmo local. Importa salientar que os alunos ficaram conscientes de que estas seriam sempre marcas efêmeras cuja existência apenas era possível estender através do seu registo imagético.

Conclusão

Dentro dos objetivos propostos, foram introduzidos nas aulas conceitos-chave através de exercícios práticos e, pretendendo destacar cada disciplina artística, foi promovida a discussão acerca das fronteiras entre a pintura e o desenho, a escultura e a instalação, a instalação e a land art, tentando explicitar que são diferentes disciplinas artísticas, mas cujas fronteiras se entrecruzam, misturam, nem sempre fáceis de distinguir, mas que, contudo, servem cada uma diferentes objetivos.

Foi promovido o reconhecimento de autores, e a repetição à nossa maneira da *sua maneira* de trabalhar, tendo sempre em conta que o repetir nunca é pura mimese originária, mas o absorver de informação — aprender a fazer, sentir e pensar através do exemplo de mestres. Como a repetição e a diferença são duas faces da mesma moeda (Derrida, 1968), a repetição pretendeu também verificar *as diferenças* entre cada aluno e entre os seus resultados, como uma vantagem resultante do processo criativo.

Referências

- Derrida, Jacques (2012) — A voz e o fenómeno: *Introdução ao problema do signo na fenomenologia de Husserl*. Tradução de Maria José Semião e Carlos Aboim de Brito. Lisboa: Edições 70.
- Derrida, Jacques [1968]. "A diferença" In *Margens da filosofia*. Trad. Joaquim Torres Costa e António M. Magalhães. Porto, Rés-Editora, [s.d].
- Gasquet, Joachim (2012) O que ele me disse.... In Faure, Élie. *Paul Cézanne*, seguido de Gasquet, Joachim *O que ele me disse....* Trad. Aníbal Fernandes. Lisboa: Sistema Solar.
- Ribeiro, Ana Vieira (2014) *A repetição como tempo e como prática artística*. Lisboa: Faculdade de Belas-Artes. Tese de Mestrado em pintura orientada pelo professor Tomás Maia, apresentada à Faculdade de Belas-Artes da Universidade de Lisboa, em 2015.
- Riedelsheimer, Thomas (2001) *Rivers and tides: Andy Goldsworthy working with time* [documentário]. Arte Edition. 1 DVD (90 min.)